



## **A PRESERVAÇÃO DOS IMPRESSOS PRODUZIDOS POR (I) MIGRANTES ENQUANTO FONTE HISTÓRICA PARA ESTIMULAR A COMPREENSÃO DAS DIVERSIDADES SOCIAIS E IDENTIDADES HÍBRIDA**

**SANCHES, Marcela Maria Freire. (1)**

1. Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Escola Estadual Dom Walmor.  
Nova Iguaçu, Posse.  
Universidade Federal Fluminense. Departamento da Ciência da Informação  
Niterói, Gragoatá.  
sanchesmarcela@yahoo.com.br

### **RESUMO**

Proponho a reflexão de como a memória dos grupos étnicos, neste caso dos imigrantes intelectuais sírios e libaneses do movimento cultural da Liga Andaluza é preservada a partir dos impressos, em específico da *Revista Liga Andaluza de Letras Árabes* na experiência da migração para a cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX. Durante a pesquisa do mestrado percebi que as Revistas da Liga Andaluza guardadas na Biblioteca Nacional eram as valiosas fontes primárias, os mecanismos de registro da memória deste grupo étnico. Mas estes registros documentais, o acervo de uma parte da história da migração da cidade encontra-se em processo de avançada deterioração. Então parte a questão: a urgência da preservação deste determinado acervo para permanência da memória deste grupo e recriação de outras memórias e identidades. Ressalto a questão do valor histórico deste acervo, por tratar-se de uma fonte primária produzida pelos próprios intelectuais imigrantes do movimento. Outros valores também podem ser atribuídos, como o valor didático deste acervo ao ser preservado, com algum mecanismo de digitalização e em seguida ser disponibilizado no repositório virtual para os professores de história, que ao utilizarem em suas aulas nos temas relacionados à diversidade social e tolerância cultural. Os impressos também podem ser usados como fontes para outras pesquisas acadêmicas, pois esse acervo são documentos que remetem a memória e identidade de um povo e suas expressões culturais. Ressalto que além deste acervo dos periódicos da Liga Andaluza, existem outros acervos dos movimentos de intelectuais (i) migrantes produzidos na cidade, que além de encontraram-se dispersos em bibliotecas públicas, ou, particulares, apresentam-se em estado avançado de deterioração, diante das condições precárias de preservação. Neste sentido apontamos o grupo dos judeus imigrantes do movimento político progressista da BIBSA, Biblioteca Scholem Aleichem, que produziram, e, ou, contribuíram para publicação dos impressos, tais como o jornal *Unzer Stime*, (Nossa Voz) bilíngue em ídiche e português. Acredito que uma das alternativas para a permanência efetiva desses acervos dos impressos produzidos por imigrantes, independente da nacionalidade, seja a criação de um banco de dados digitalizado, tutelado pelos grupos de pesquisas, interinstitucionais e financiado pelas agências de fomento. E ainda utilizado como material didático pelas escolas públicas. Obviamente que existem iniciativas neste sentido, mas a proposta é discutir a ampliação destes espaços de preservação da memória da migração na cidade e suas recriações.

**Palavras-chave:** Impressos produzidos por (i) migrantes. Diversidades sociais. Tolerância cultural.

## INTRODUÇÃO

O contexto da produção deste artigo é o processo de maturação da pesquisa realizada no mestrado, e também da experiência profissional enquanto docente da rede pública do ensino, no nível médio e superior, a partir das leituras e estudos realizados e dos processos de capacitação, é o dialogo constante entre o binômio de ser pesquisadora, e professora. Este tema não se esgota no esquadrihar deste texto, a idéia é abrir caminhos e fluxos para outras questões.

A principal questão a ser discutida: *a urgência da preservação do acervo dos impressos de imigrantes para permanência da memória deste grupo*. E quais são os valores atribuídos a este tipo de acervo dos Impressos de imigrantes? (valor histórico e didático). Como compreender a diversidade social que nos cerca a partir dos jornais e revistas produzidos por imigrantes? Como os jornais, os impressos podem tornar-se mais acessíveis, no ensino de história, ao não especialista, ao cidadão comum, e ao curioso?

E diante da sociedade da informação e do conhecimento como transpor estes jornais escritos no final do século XIX, e início do XX para o mundo virtual para a realidade do jovem do século XXI, conectado nas nuvens, e nas novas tecnologias? A importância dos vários tipos de preservação seja, no formato tradicional, de conservar o papel, ou, mais sofisticado, a preservação digital, o que de fato é necessário é preservar, em todos os seus sentidos para a manutenção da memória e história que cerca o documento, a fonte histórica em questão. E pode-se ir pouco mais além, guardar a memória, e registrar a história para que o cidadão possa compreender as diversidades étnicas presentes em nossa sociedade, negociar com as interculturalidades. (Canclini, 2004). Enfim, essas e outras questões que pretendo desenvolver melhor, abrindo caminhos para as pistas epistemológicas.

Para uma melhor compreensão metodológica organizei a estrutura do texto da seguinte maneira: a primeira parte foi realizada uma revisão bibliográfica do Movimento Cultural da Liga Andaluza que originou a criação da Revista da Liga Andaluza, um tipo de impresso imigrante. As relações entre a memória e os lugares de memória no território.

Na segunda parte apresenta a ideia da preservação da memória dos imigrantes a partir da rede de estudos dos impressos produzidos por eles. Para entender a ideia de redes de conhecimentos é importante abordar a sociedade da informação desenvolvida por Peter Burke (2012), como característica deste tipo de sociedade observo a presença da democratização do saber com seus riscos e potencialidades, como a presença dos repositórios digitais das bibliotecas. Outra questão interessante apontada por Burke são as redes dos saberes dos imigrantes, que ao transpor os desafios da imigração, transpõem os conhecimentos e as barreiras da nacionalização do saber, construindo novo tipo de saber. Neste sentido dialoga com Said (2003) quando discute sobre a condição do intelectual no exílio e suas relações de permanência no novo território. Ainda sucintamente trago, no final

da segunda parte, algumas considerações sobre o uso de banco de dados nas pesquisas metodológicas em História.

Na terceira parte apresento a ideia sobre o uso dos impressos produzidos por imigrantes enquanto fonte histórica, relacionando com o caso a experiência vivenciada pelos professores de história da rede de ensino estadual do Rio de Janeiro, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, EJA, que recentemente atravessaram um processo de mudança de metodologia de ensino, em específico o segundo capítulo do livro didático, volume I da NOVA EJA, em que discute a “formação da identidade brasileira diante da diversidade étnica”. E, por último, as considerações finais, salientando sempre a relação dialogica e efetiva entre pesquisa e ensino para estimular a compreensão dos diferentes e desiguais. (Canclini, 2004).

## O MOVIMENTO CULTURAL DA LIGA ANDALUZA: IMIGRAÇÃO SÍRIA LIBANESA NO BRASIL

É pertinente iniciar esta apresentação do movimento da Liga Andaluza trazendo a contribuição do Zeghidour (1982) que realizou o primeiro trabalho de mapeamento do grupo, tornando-se uma obra de referência nesta temática, e uma fonte secundária. E permitiu quase 30 anos depois, que o movimento e a Revista Liga Andaluza de Letras Árabes, fosse revisitado nas ciências humanas. (Sanches, 2009). Aponto também a tese de doutorado de Safady (1972, pág.165 e 313) intitulada “A imigração árabe no Brasil (1880-1971)”, o autor traça um panorama sobre a comunidade árabe em nosso território, remetendo-se Movimento da Liga Andaluza, nos capítulos destinados a movimento associativo e imprensa árabe.

Outra questão interessante a ressaltar são as referências contemporâneas destacadas a esta temática: O breve apontamento do Lesser (2001, pág. 103) sobre a Liga Andaluza em São Paulo, conforme o autor a revista da Liga Andaluza era conhecida internacionalmente e trazia o Brasil para um lugar de destaque na literatura de Renascimento árabe no exílio. Outro autor, Vargens (2007), professor de letras árabes da UFRJ, abordou as contribuições do Movimento da Liga Andaluza para a poesia moderna árabe produzida no exílio;

Outra publicação foi a Revista Educação em Linha (2009) produzida pela Secretaria Estadual de Educação no Rio de Janeiro, número dedicado à cultura árabe, também destaca a relevância do grupo da Liga Andaluza em dois artigos, que merecem aqui serem assinalados: o primeiro artigo escrito por Adalberto Alves, intitulado “O legado cultural árabe”, o autor enfoca a cultura Andaluza medieval, Al Andalus como referência contemporânea para os árabes; o segundo escrito por Paulo Farah (2009, pág.21) em que

aborda a relevância dos movimentos literários dos imigrantes árabes no exílio, que em busca de trocas de experiências fundaram diversos círculos literários dentre eles, o autor destaca que no ano de 1933 foram criados a Liga de escritores em Nova Iorque e a Liga Andaluza no Brasil.

O movimento cultural da Liga Andaluza foi criado na década de 30 no século XX pelo grupo de intelectuais sírios e libaneses que imigraram para o Rio de Janeiro e São Paulo. Esses intelectuais também criaram em 1933 a Revista Liga Andaluza de Letras Árabes, finalizando as publicações em 1953 (Safady, 1972). Conforme Sanches (2009, pág.62) mais de trinta poetas organizaram-se para a criação de um espaço que reunisse intelectuais deste grupo étnico e seus descendentes com intuito de refletirem sobre algumas questões de interesse comum como: a memória e identidade do grupo; a literatura produzida no exílio, com influências do modernismo brasileiro.

Um das questões recorrentes quando apresento o histórico de surgimento do grupo, são: - Por que os imigrantes sírios e libaneses do século XX se intitulam enquanto representantes do movimento cultural da Liga Andaluza? Qual a relação estabelecida? Quais são as tradições reinventadas em solo carioca? A identidade do grupo elaborou-se a partir das lembranças da Andaluzia (Sul da Espanha, século VIII). Uma referência da memória simbólica da ascensão cultural árabe e das experiências dos grandes hibridismos culturais com outros povos, judeus e cristãos. Este grupo imigratório da Liga Andaluza é um exemplo da constituição das identidades híbridas, marcadas por processos de desterritorialização, conforme Deleuze (1996) a humanidade está inserida no movimento em que os territórios originais se desfazem e reconstituem de outra maneira incessantemente, este processo proporciona a hibridação, permitindo a mistura, e a proliferação das trocas culturais.

Outro autor que desenvolve o conceito de identidade híbrida é Hall (2003, pág.75) "somos confrontados por gama diferentes de identidades" onde os fios da identidade são entrelaçados e desentrelaçados na tessitura da vida contemporânea, no processo de hibridização há quebras dos modelos identitários homogêneo, a hibridez nasce das margens, das fronteiras. Outra questão pertinente é quando Hall (2003, pág. 88-89) aponta que na dialética das identidades, as pessoas negociam com o novo território em que vivem, mas carregam os traços das suas tradições, pertencentes a várias culturas que necessitam constantemente serem traduzidas, transferidas, transportadas entre fronteiras, são portadores das culturas híbridas.

Conceito desenvolvido por Menocal (2004) da Andaluzia Pretérita, da cultura Al Andaluza consequência da sociedade híbrida da Espanha medieval. A autora ainda destaca a ideia da "memória do belo" na cultura Al Andaluza, a partir das construções arquitetônicas suntuosas, dos jardins, castelos e bibliotecas em Córdoba na Andaluzia. Para Menocal

(2004,64) os antigos costumes andaluzes eram tão profundos na cultura espanhola, tornou-se necessário o uso da violência da Igreja Católica e do Estado Espanhol para silenciar o vestígio da cultura andaluz. Efetivamente este silenciamento traduziu-se na destruição concreta dos palácios da memória. Assim, trazemos o conto Biblioteca de Babel, de Borges (1972) quando o autor revela que as bibliotecas são guardiãs dos livros. E os livros são representantes de múltiplas culturas e identidades, os livros e seus impressos são vozes polifônicas silenciadas, são vestígios de uma dada cultura. E quando em situação de conflito no território, as primeiras estratégias de luta do outro grupo em disputa é a destruição parcial ou total dos patrimônios culturais, como neste caso as bibliotecas, os castelos, as sinagogas e templos religiosos. (MENOCAL, 2004, pág. 267-268)

Pensar nesta ponte construída entre os sírios e libaneses imigrados na cidade do Rio de Janeiro no século XX, voltada para a ideia de uma nova Andaluzia, construída na experiência da imigração, remeterem-se o seu referencial identitários a uma experiência não vivida, mas projetada da cultura Al Andaluz, da Espanha medieval. Os imigrantes remeteram e apropriaram-se da cultura Al Andaluz a resignificando na imigração no movimento cultural da Liga Andaluza, na revista Liga Andaluza e na ideia da criação de uma Nova Andaluzia. Partindo da experiência de tolerância cultural da Andaluzia, que conviviam em situações de tolerância negociadas das três principais religiões monoteístas.

Os imigrantes da Liga Andaluza, a memória deste grupo elaborou-se a partir das lembranças de um espaço, Andaluzia (Sul da Espanha), que originariamente, não era do grupo, mas uma referência de uma memória simbólica da ascensão cultural árabe e de grandes hibridismos culturais do século VIII. Na segunda fase da imigração árabe, os que vieram encontraram os primeiros estabelecidos no Brasil como mascates. O perfil dos imigrantes desta segunda fase era constituído por jovens intelectuais formados pela Universidade de Beirute. A vida do mascate é abandonada por este segmento que tendiam a trabalhar e criar jornais, a fundar grupos associativos, movimentos literários, a função era intelectualizar a comunidade no Brasil - principalmente os filhos da primeira imigração.

Lesser (2001) ao discutir sobre a imigração no Brasil afirma que as etnicidades são entrelaçadas, abre espaço para o surgimento de uma nova identidade nacional brasileira, que é negociada entre as etnias, tornando-se um caleidoscópio cultural.

Para Zeghidour (1982, pág.73) o grupo da Liga Andaluza é um considerado grupo literário da imigração árabe, e a revista produzida por ele, era conhecida como "Al'Usba al Andalussyá. No entanto, alerta o autor que no período da II Guerra Mundial, o governo brasileiro, período varguista proibiu toda a publicação em língua estrangeira, neste momento a revista deixou de circular nesta fase. De acordo com antropóloga Seferthy (1997) a campanha de nacionalização instituída no Estado de Novo, de Getúlio Vargas, alcançava a todos, em todas as instâncias. A intervenção de abasileiramento tornou-se impositiva a

partir do decreto lei nº1.545, outorgado por Vargas em 25 de agosto de 1939. Em que declarava a adaptação ao meio nacional dos estrangeiros e seus descendentes, essa adaptação seria mediante o ensino e uso obrigatório da língua nacional, o português. Este decreto lei outorgado por Vargas em 1939 é um marco legal que atingiu principalmente a imprensa étnica. A lei reverberou no sentido de iniciar um processo de enfraquecimento deste tipo específico de imprensa, como alternativa de permanência optou, por publicar seus respectivos impressos na língua nacional, o português, e a língua do imigrante. Como foi o caso da Revista Liga Andaluza, que a partir deste período tornou-se obrigatoriamente bilíngue.

Pensar na relação entre a memória e o território reporta a Halbwachs (2004) na referência da memória enquanto um fenômeno coletivo, em construção, sendo a cidade um lugar da coletividade, dos cidadãos, pode-se perceber a cidade como um lugar de memória. E para Pierre Norah (1984) os lugares da memória estabelecem uma relação de rememoração aos fatos históricos ocorridos. Conforme o Halbwachs os habitantes deixam as suas marcas no espaço, as memórias selecionadas são eternizadas nos discursos de seus habitantes, nos aromas e cheiros sentidos ao passar por uma praça, ou, um vilarejo que já não existe mais.

Consideramos os estudos imigratórios como relevantes para registrarmos os processos das memórias e histórias que não são reveladas na dita histórias oficiais. É necessário lembrar para não esquecer, que a antiga Praça Onze, localizada no centro da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, foi o espaço para os imigrantes africanos, conhecida como a Pequena África. Para os imigrantes judeus da Biblioteca Scholem Aleichem, BIBSA, projetaram a ideia da Karshivke carioca, e para os imigrantes árabes, a Nova Andaluzia, e de tantos outros imigrantes que passaram por lá e a sua história ainda não foi contada e registrada. Para cada grupo étnico a Praça Onze elaborou a sua representação simbólica.

## **PRESERVAÇÃO DAS MEMÓRIAS DOS (I) MIGRANTES A PARTIR DOS IMPRESSOS PRODUZIDOS**

A preservação de determinados acervos, independente da sua tipologia, possibilita a guarda da memória e história de um determinado segmento social. Assim pensar na preservação dos jornais, revistas de (i) migrantes é preocupar-se como será registrada e contada à parte da história da diversidade da identidade brasileira. É relevante saber e refletir sobre os processos de guarda, os princípios de preservação dos documentos, uma política pública de preservação é importante para uma efetiva guarda. Neste sentido na cidade do Rio de Janeiro, como receptora dos grupos de imigrantes, possui lugares de

guarda desses acervos como, por exemplo, a BIBSA localizada no bairro de Botafogo, lugar de guarda dos jornais produzidos pelos imigrantes judeus de esquerda, da Associação Scholem Aleichem, ASA. E no caso dos árabes da Liga Andaluza o lugar de guarda da revista Liga Andaluza é a Biblioteca Nacional.

Pensar em um organismo público tutelado pelos grupos de pesquisa sobre imigração é uma alternativa na criação de redes sobre estudos imigratórios no estado do Rio de Janeiro. E ainda poderia pensar na questão técnica da preservação, uma relação mais próxima com os especialistas em preservação e restauro de acervos, no sentido da gestão e preservação dos documentos.

Interessante salientar que a ideia das redes sobre estudos imigratórios alimentados por um banco de dados, foi gestada principalmente a partir das releituras de Peter Burke (2012), quando destaca que na era das especializações vivemos uma realidade onde os generalistas, torna-se minoritários no campo do conhecimento. Segundo Burke (2012, p.232) “os generalistas são mais necessários do que nunca- não apenas para a síntese, mas também para a análise (...) e chamar atenção para os conhecimentos que, de outra maneira, podem desaparecer nas lacunas entre as disciplinas, tal como estão atualmente definidas e organizadas”, fornecendo subsídios para compreensão de um cenário mais totalizante. Ou, seja pensar em redes interdisciplinares e transdisciplinares é uma alternativa no que tange a manutenção, e, ou recriação da memória dos (i) migrantes a partir da preservação dos seus impressos, do seu acervo.

Este trabalho em rede possibilita que não apenas um grupo étnico, ou, outro, mas sim todos os grupos étnicos que imigraram para o estado do Rio de Janeiro possam ser registrados por seus pesquisadores neste banco de dados digital e virtual, no processo de retro atualização.

O suporte das informações das pesquisas dos grupos imigratórios serem no formato digital e virtual, deve-se ao fato de pertencermos a uma nova contextualização social, da sociedade do conhecimento. No ambiente virtual a transmissão da informação é instantânea e desterritorializada. Não descartando a opção tradicional, do grupo de pesquisa, com seus arquivos impressos e biblioteca, localizados em sala fixa na instituição de pesquisa, mas a visibilidade da existência desses grupos se dá na prática a partir dos fóruns de pesquisa, entre outros. Alguns grupos de pesquisa apresentam endereço eletrônico, com artigos de seus pesquisadores postados, mas a ideia é uma amplitude maior e de comunicação entre os grupos de pesquisa.

### **Conhecimentos produzidos nas fronteiras dos imigrantes**

Dentro dessa sociedade do conhecimento Burke (2012, p.331) realiza uma análise sobre o contexto histórico em que esta surgiu, salientando alguns aspectos: essa sociedade

enquanto um fenômeno datado a partir de 1970; declínio da relevância das universidades como centro produtor do conhecimento e a decadência do Ocidente no monopólio do saber, inspirando os movimentos de estudos pós-coloniais. Neste estudo sobre a história social do conhecimento Burke mapeia a geografia desse saber, salientando os contrastes entre a produção do saber entre centro e periferia. Apesar das grandes dificuldades da produção de conhecimento na periferia, e daí que surgem as inovações, para o autor “vêm das fronteiras entre o Ocidente e outras partes do mundo”. (Burke, 2012, pág. 255), citando como exemplo os estudos de Fernando Ortiz, Gilberto Freyre e Edward Said. Esse último autor escreveu importantes livros sobre a sua condição de eterno intelectual deslocado entre as fronteiras do ocidente e oriente. A sociedade do conhecimento também recebeu e recebe relevantes contribuições do imigrante, quer seja, um cidadão, ou também um pesquisador, intelectual.

Sobre a sua condição de intelectual no exílio, Said escreveu várias obras, destaco duas: a primeira “Reflexões sobre exílios e outros ensaio” (Said, 2003) este autor se considera e também é considerado um pensador formado nos processos (i) migracionais; e a segunda, “Representações do intelectual: as Conferências de Reith 1993” (Said, 2005) neste momento o autor mapeia as representações da figura do intelectual em nossa sociedade, trazendo à baila as discussões sobre intelectual orgânico a partir de Gramsci, nele Said (2005, p.20) afirma que os intelectuais orgânicos estão ativamente relacionados com a sua sociedade, buscando a mudança dos paradigmas e das mentalidades, esta categoria de intelectuais estão envolvidos constantemente em processos de transições.

Saliento uma afirmação muito significativa do autor quando escreve que “cada região do mundo produziu seus intelectuais, e cada uma dessas formações é debatida (...) não houve grande revolução na história moderna sem intelectuais (...) os intelectuais tem sido pais e mães dos movimentos” (Said, 2005, p.25). Pensar na potência da ação do intelectual desde primórdios da história, por exemplo, no Absolutismo europeu tivemos determinados intelectuais que pensavam e escreviam uma determinada ideologia que alicerçava os poderes dominantes daquele momento histórico; e assim durante todos os períodos históricos observo a figura do intelectual subsidiando teoricamente determinadas ideologias e poderes instaurados, ou, poderes em vias de se instaurar através do processo revolucionário. A palavra intelectual, no dicionário Aurélio (p.394) refere-se ao intelecto; a inteligência. Acredito enquanto um processo de construção da apropriação dos saberes na experiência humana. Para Japiassú e Marcondes (2006, pág. 149) a inteligência é a capacidade humana de solucionar problemas a partir do pensamento convocando a memória, o raciocínio, seleção de dados e representações entre outros.

Retornando a discussão sobre os conhecimentos produzidos nas zonas de fronteiras, locus privilegiados das trocas culturais, geradoras dos novos conhecimentos, estes processos são resultantes dos movimentos (i) migratórios, Burke (2012) dedica sete páginas



do seu livro para a produção conhecimento que o imigrante carrega em seu deslocamento. E como é importante a função social do imigrante para a circulação, disseminação e desnacionalização dos conhecimentos. Neste sentido Burke (2012) dialoga com Said (2003) quando se refere que ao imigrado, e, ou, exilado, ao atravessar as fronteiras, rompe as barreiras das culturas, e com o passar do tempo no outro território, adquire a consciência da outra cultura trazendo a pluralidade da visão de mundo, fomentando a uma “consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que é a contrapontística”. (Said, 2003, p.59) É justamente neste movimento de contra por as realidades, as culturas e os conhecimentos estabelecidos no antigo para o novo território, que são gerados estes tipos de conhecimentos peculiares à condição do imigrante e, ou, exilado. Sobre a vida do exílio Said aponta que é uma vida nômade, descentrada “é contrapontística, mas assim que nos acostumamos a ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente”. Ou, seja pode-se pensar na potência desta força para a criação, para as possibilidades dos hibridismos na imigração.

### **Redes de estudos dos Impressos imigratórios através do uso das novas tecnologias**

Então pensar em redes de estudos dos impressos imigratórios usando as novas tecnologias também é uma forma de prolongar os saberes trazidos pelos imigrantes. Apesar de termos publicações e discussões entre o campo de saber da História e o da Informática, existem alguns limites. O estranhamento no uso das novas tecnologias, o próprio Burke relata que se torna um desafio para alguns pesquisadores pertencentes a outro grupo geracional acostumado a outro tipo de linguagem na elaboração de seus estudos. Mas sabe-se que para muitos não há estranhamento na atual conjuntura dos pesquisadores. Burke afirma:

Por exemplo, as novas tecnologias ainda constituem um desafio para os estudiosos da minha geração, que começaram suas pesquisas em 1960. Naqueles tempos, cortar e colar não significava clicar num ícone na tela de um computador, e sim usar uma tesoura e tubinho de cola, que às vezes escorria no desktop, que para nós ainda era o tampo da mesa. Na área de humanas costumávamos usar caixa de sapato para guardar as fichas de 12,5x7, 5 cm e caixas de camisa para as folhas de xerox tamanho A4. Em nossos gabinetes, ainda há fichários que já

se transformaram, eles mesmos, em peças um passado histórico, objetos de assombro e admiração para os alunos visitantes de pós-graduação, os quais agora pertencem à “geração da rede” que cresceu “cercada pela mídia digital”.

Burke (2012) provoca uma retrospectiva sobre os métodos de pesquisas nos pesquisadores viventes do processo de globalização do conhecimento. Por exemplo, contato entre pesquisadores antes do advento e popularização da internet, o acesso à pesquisa de outros grupos de pesquisadores, a opção era o uso das correspondências, ou, o deslocamento físico para realizar os contatos. Hoje em dia, através de um e-mail, podemos conectar pesquisadores de outros países. A própria popularização do uso da plataforma do currículo lattes entre as universidades é uma resposta a essas demandas atuais. Na sociedade do conhecimento de acordo com Burke (2012, p.339) outra relevante tendência é a democratização do saber, principalmente no que concerne “aumento do acesso do acesso de muitas pessoas em muitos lugares”, ou, seja transpor a barreira física do acesso ao conhecimento é a tônica da atualidade. Mas alguns cuidados são necessários principalmente porque estamos na arena do universo acadêmico, em que democratizar o saber também é estar sujeito a posturas sem éticas como o plágio.

Retornando a ideia de democratização do conhecimento Burke atenta que nas bibliotecas cada vez mais se torna presente a prática de digitalizar e virtualizar os livros raros, trazendo algumas polêmicas, como foi noticiado há um tempo pelo Jornal O GLOBO, do projeto da Biblioteca Nacional da França em tornar on-line livros considerados referências de autores ainda vivos. A proposta da criação da rede da pesquisa sobre impressos imigrantes, a partir da criação do banco de dados coaduna com que Burke (2012, p339) aponta quando diz que “as bases, ou, banco de dados aumentam a rapidez da pesquisa”.

Dentro da perspectiva de democratizar a informação possibilitando a construção do conhecimento, também destaco o artigo publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 8, nº91, publicado em abril de 2013, na coluna de educação, da professora e historiadora Tania de Lucca, intitulado “Por trás da notícia. Disponíveis na internet jornais e revistas mostram relações da imprensa com contextos políticos e sociais”. Neste artigo a autora aponta a relevância dos periódicos antigos estarem disponíveis on-line enquanto uma ferramenta para o professor de história trabalhar em seu processo de ensino aprendizagem a perspectiva do momento histórico em que eram produzidos as notícias dos jornais. Além de demonstrar as pluralidades da imprensa, com seus formatos e conteúdos diferentes, lembrando que dentro dela havia os periódicos formados por imigrantes. Lucca (2013, pág.

81-83) afirma que essa mudança das mentalidades das instituições de disponibilizarem seus acervos integrais de periódicos em seus sites está inserida em uma política que favorece diretamente o ensino de história. Também aponta que no passado recente a opção para o professor de história trabalhar com o periódico, enquanto fonte histórica eram as publicações recentes, visto que os exemplares mais antigos estavam guardados em instituições “com acesso controlado tendo em vista as necessidades impostas pela preservação”.

### **Sobre o uso de banco de dados no processo metodológico da História**

Para pensar sobre o uso de banco de dados no campo epistemológico da História apresento Neves (1990) e Figueiredo (1997). O primeiro autor afirma que o banco de dados na história otimiza o tempo, sistematizando a pesquisa, tornando os dados mais acessíveis para outras pesquisas irem adiante, proporcionando uma análise mais aprofundada dos dados anteriormente coletados, gerando uma qualidade na produção acadêmica.

O segundo autor destaca em sua obra sobre a sedução que as novas tecnologias exercem sobre o campo epistemológico da história salientando que os bancos de dados oferecem um valioso instrumento metodológico ao organizar as informações apresentadas em séries documentais, tornando-se indispensáveis para aqueles que usam grande quantidade de dados. Ainda atenta que a discussão sobre o deslocamento do suporte original da documentação para o suporte digital é longo, e provocando mudanças nas práticas de preservação e de métodos da pesquisa, como bem afirma “debate é embrionário (...) abrirá profundas inquietações na práxis arquivística, envolvendo desde a propriedade intelectual das fontes históricas, alterações no conteúdo das imagens graças as técnica de restauração, até a possibilidade de ampliação democrática da pesquisa nos acervos” (Neves, 1997, p.606).

Figueiredo corrobora neste sentido com a ideia das redes de estudos dos impressos, na perspectiva deste tipo de acervos de impressos imigrantes estarem disponíveis no formato virtual nos bancos de dados das instituições de pesquisa.

Na concretude do banco de dados sobre impressos (i) migrantes no formato digital e virtual. Parto para o questionamento como este material pode ser apropriado pelo cidadão para melhor compreender as diversas identidades presentes em nossa sociedade? Como entender os diferentes para negociar as diversas identidades? Como o banco de dados pode ser apropriado pelos docentes e discentes? Dentro da perspectiva da educação como uma política pública social, acredito que pelo viés educacional, principalmente pelo ensino de história, um repositório digital, ou, banco de dados, também possa ser usado.

## USOS DOS IMPRESSOS PRODUZIDOS POR IMIGRANTES ENQUANTO FONTES HISTÓRICAS

Os usos dos impressos elaborados por imigrantes como documento, tornando-se fontes históricas com linguagens alternativas, trazendo à tona a ideia de que somos sujeitos construtores da história, além de dinamizar o processo de ensino aprendizagem na disciplina, na perspectiva dialógica (FREIRE, 1992).

Partindo da realidade vivida, pelos professores de história da rede de ensino do estado do Rio de Janeiro, no início do ano letivo de 2013, apresento como estudo de caso, a nova estrutura da modalidade da Educação de Jovens e Adultos, em específico o novo livro didático, NOVA EJA (2012, p.141), volume I, na Unidade 6, sob a temática “A diversidade cultural na História do Brasil”, diante do proposto a discussão da formação da identidade brasileira a partir da ideia de diversidade dos grupos étnicos imigrantes, e das questões específicas colocadas no livro para potencializar este debate apresentou-se termos gerais em: 1) Como se formou a ideia de “povo brasileiro” a partir das várias origens culturais do país; 2) Identificar a influência de determinados grupos étnicos na divulgação de ideais sobre a História do Brasil; e por último, 3) Como a diversidade étnica e cultural transformou-se em desigualdade e exclusão.

Esta unidade 6 se subdivide em três seções. A primeira seção abordava “A formação do povo brasileiro”, focando nas contribuições das várias origens étnicas e seus processos de hibridização. Como ilustração os autores usaram o recurso iconográfico das imagens: 1ª) Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, 1910 (pág.139); 2ª) Imigrantes italianos e portugueses partindo para o Brasil. Na parte das Considerações Finais usaram o título “*Sociedade Brasileira: multiétnica, diversa e desigual*” (pág.160) abordavam mais uma vez a questão da imigração, usando o recurso das imagens, com a figura intitulada “Chegada dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil” e logo em seguida outra figura referindo-se ao Bairro da Liberdade em São Paulo. Destaco também que ao longo do texto os autores reforçam a desconstrução do conceito da formação da sociedade brasileira não é fruto somente das três etnias (indígenas, africanas e portuguesas) salientando que outros grupos étnicos foram e ainda são importantes para a formação multiétnica brasileira.

Mas o que considero mais valioso diante do que vivemos de altíssimos graus de intolerância cultural foi à afirmação dos autores do livro didático da Nova Eja, em desmitificar a ideia de que a mistura das múltiplas etnias criaram o paraíso brasileiro da tolerância, considerando que desde a chegada dos imigrantes portugueses já existia diversos conflitos étnicos, e que ao longo da construção da sociedade brasileira deram-se encontros e desencontros, conflitos entre os diversos grupos étnicos.

Diante deste cenário exposto e vivenciado em sala de aula, várias questões foram surgindo, a partir também do uso desse livro com os alunos. Contextualizando a realidade sociocultural do perfil discente em que atuo, primeiramente: moradores da Baixada Fluminense, na cidade de Nova Iguaçu trabalhadores em grande parte afrodescendentes e descendentes de nordestinos, ou, migrantes de outras regiões do país. Ou seja, naturalmente a questão migratória foi de amplo alcance e fomentou um interessante debate em sala de aula. Nesse processo observei o interesse dos alunos em saberem sobre a (i) migração na cidade do Rio de Janeiro, e, por conseguinte, em Nova Iguaçu, pois o livro remeteu-se a realidade da imigração na cidade de São Paulo. Além do interesse sobre o processo da migração nordestina. Observei limites a serem transpostos neste livro didático, gerando outras possibilidades de enriquecer a abordagem deste tema em sala de aula, proporcionado interesse e terreno fértil para trabalhar com a história local e oral, e visitas a espaços museais, ou, lugares de memória representativos para os alunos.

Destaco que no Manual do Professor da Nova EJA (2012) foram oferecidas algumas sugestões como o uso das cartas escritas por imigrantes, disponíveis no acervo digital do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. Outra sugestão foi à proposta da elaboração de um texto pelos discentes a partir da questão, “O que era ser imigrante no século XXI”, em que troquei pela palavra “migrante”. Observei que outras ideias poderiam ser usadas nesta temática, como além do uso das cartas escritas entre os imigrantes, nesta perspectiva de fomentar o diálogo com as fontes históricas escritas, aponto o uso dos impressos, em particular a imprensa étnica, os jornais e revistas elaboradas por (i) migrantes no Brasil.

Assim é também de interesse promover a preservação dos impressos dos imigrantes, documentos históricos, possibilitando a sua transposição para o ensino, das diversidades sociais tendo como objetivo central estimular a aproximação entre as pesquisas em história nas universidades e o ensino efetivo da disciplina.

Para atingir o objetivo do diálogo entre o pesquisado na universidade e o ensino de história na escola, é interessante pensar na perspectiva de um trabalho colaborativo, de redes entre os pesquisadores sobre imprensa étnica, ou, grupos imigratórios produtores de impressos relevantes e as rede públicas de ensino. Uma das estratégias é possibilitar o acesso a este valioso material, através do repositório digital acessível para todos.

Considerando que o estado do Rio de Janeiro recebeu número inferior de imigrantes comparado ao estado de São Paulo. Mas em contrapartida é um número significativo de grupos étnicos que compõe o mosaico cultural da identidade do nosso estado, sendo assim é relevante pensar neste projeto como um grande catalisador entre pesquisa acadêmica e ensino de história nas escolas. Para melhor elucidar lembro que no livro didático citado foram usadas como fontes históricas as cartas trocadas por imigrantes na Hospedaria de Santos, em São Paulo. E por que não, reelaborarmos o trabalho para dimensão local,

usando como exemplo a Hospedaria de imigrantes da Ilha das Flores, localizada em São Gonçalo?

Acredito que o binômio da pesquisa e ensino, possibilita a digitalização dos impressos (i) migrantes, tornando-se um grande Repositório virtual no ciberespaço, além de mapear outros impressos imigratórios produzidos no estado do Rio de Janeiro.

E também intervindo no processo de renovação das metodologias de ensino de história, propondo o uso dos jornais produzidos por IMIGRANTES como fontes históricas em sala de aula. Além de incentivar o estímulo a recuperar a história local, histórias migratórias das regiões, e motivar a esta nova geração de alunos da cibercultura, a construírem outro uso da internet, além das redes sociais, a internet como espaço de acesso as fontes impressas digitalizadas.

Sobre análise dos documentos históricos Circe Bittencourt (p.329) assinala que o uso das fontes históricas entre um pesquisador e professor é distinto. Objetivo do pesquisador historiador é produzir uma pesquisa, análise histórica, artigo referente a análise daquela fonte histórica em questão. Mas no caso do professor os motivos são outros, de proporcionar aos alunos uma metodologia diferenciada de aprendizagem, o uso do documento histórico enquanto uma fonte a ser desbravada em sala de aula.

## CONSIDERAÇÕES

Diante da árdua tarefa de sintetizar, considero que a preservação dos impressos produzidos por imigrantes no estado do Rio de Janeiro, é um mecanismo de manter as memórias dos imigrantes, além de proporcionar a compreensão das diversidades étnicas presentes em nossa sociedade. A urgência da preservação deste tipo de acervo é importante devido os valores históricos e didáticos, tornando-se um material para as pesquisas e ensino. Ao longo do texto centrei no campo disciplinar da História, devido a minha formação, mas considero que possa ser redimensionado para os outros campos epistemológicos, por tratar-se de uma temática que abarca a todos os cidadãos, a compreensão das diversidades étnicas, objetivando a construção da tolerância cultural.

Compreendo que vivemos em uma sociedade marcada por diversos processos como a globalização, a quebra dos modelos hegemônicos, relações entre o local e o global, mudanças de paradigmas provocados inclusive pela sociedade do conhecimento (Burke, 2012). Então, urge em refletir como somos atravessados por estas novas tecnologias, e como elas redimensionam as nossas pesquisas, e como aproveitar essa erupção das trocas culturais, dos processos imigratórios no sentido de democratizar o saber. Conhecer para compreender as diversidades sociais, estabelecer uma relação de respeito e negociação com as diferenças. Para Canclini (2004,17) na interculturalidades a diferença é negociada nas relações de conflito e empréstimos recíprocos. A proposta é que a partir da

preservação dos acervos dos imigrantes e seu uso social, outras memórias e patrimônios sejam convidadas a participar da história da identidade brasileira. Canclini (1998, pág. 167) aponta o desafio nas relações sociais altamente ritualizadas na “perspectiva de único e excludente patrimônio nacional” inviabilizar, ou, dificultar os processos de aprendizagens na perspectiva intercultural, em que o tradicionalismo não proporciona condições de diálogo para as situações da sociedade contemporânea, marcadas pelas diferenças, diversidades e desterritorialização. Ou, seja caminhar outros mares, outras culturas são necessárias em nossa atualidade.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Gracinda; ANGELLOZI, Gilberto. *Livro de História NOVA EJA*. Vol1. In: BASTOS, Elisabete. Módulo1: Ciências Humanas e suas Tecnologias. vol1. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2012.
- BITTENCOURT, Circe. *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2001.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento II: da Enciclopédia a Wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs, 3. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34, 1996.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- FIGUEIREDO, Luciano. *História e Informática: o uso do computador*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- LESSER,
- NEVES, Guilherme Pereira das. *O sonho de Comenius: o uso de microcomputadores em uma pesquisa de História Social*. In: História Hoje: Balanço e Perspectivas. Rio de Janeiro: IV Encontro Regional da ANPUH-RJ, 1990.
- MENOCAL, Rosa. *Ornamento do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, 1993.

SAID, Edward. Representações do intelectual. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o Exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANCHES, Marcela M<sup>a</sup> Freire. *Nova Andaluzia: a memória da intelectualidade árabe no Brasil*. (Dissertação) Programa de Pós Graduação em Memória Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UNIRIO, 2009.

SEFERTHY, Gyralda. *Assimilação dos imigrantes como questão nacional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

ZEGHUIDOUR, Slimane. *A poesia moderna árabe e o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.